

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado assumiu como objetivo central compreender as possibilidades de colaboração do artista corporal com o artista visual na criação em videodança. Para tal, a pesquisa aqui descrita se apoiou na produção de dois experimentos que contribuíram com reflexões sobre as relações estabelecidas entre esses dois profissionais. Ressaltou-se a diversidade dos modos de fazer videodança a fim de evitar generalizações e definições artificiais de um campo transdisciplinar e movediço. Os processos de construir videodança não reforçam um ou outro campo, mas sublinham sua criação múltipla, que transcende disciplinaridades. Embora o argumento da dissertação tenha se construído pela colaboração entre artista corporal e artista visual, não se pretendeu aqui reforçar a ideia de que a videodança seja interdisciplinar, pois esta é um campo que transcende as disciplinas tradicionais. De fato, as nomeações profissionais são sempre posteriores às transformações epistemológicas: primeiramente, temos a formação de um campo do conhecimento, depois se criam as categorias profissionais e afins a tal campo.

A apresentação visual desta dissertação buscou dialogar com o tema, por isso se considerou a imagem aqui, também, como texto. Além das figuras impressas, uma mídia digital anexada contém as imagens e os vídeos citados no texto, assim como este estudo, com *links* para acesso.

A metodologia aplicada à pesquisa incluiu um

levantamento bibliográfico pré-produção prática para fundamentar a análise dos experimentos. Assim, foi possível apresentar a perspectiva de autores cujos estudos interligam videodança com a linguagem da dança e do audiovisual. Se isso ampliou a gama de conceitos relacionados ao tema, também trouxe elementos metodológicos diversificados para fazer as análises.

Dessa forma, no primeiro capítulo delimitou-se a significação dos termos artista visual e artista corporal com base em minha vivência pessoal e profissional, assim como as primeiras reflexões sobre as relações de colaboração entre eles. Aliada às minhas reflexões, essa delimitação alavancou o início dos experimentos, pois indicou as proposições de atuação que eu iria propor às artistas convidadas. No segundo capítulo, apresentou-se o contexto da pesquisa, estabelecendo-se um referencial teórico que investiga o campo artístico da videodança. No terceiro capítulo apresentaram-se os dois experimentos da pesquisa, com as artistas Panmela Tadeu e Luciane Segatto. Com base neles, discorreu-se sobre os modos possíveis de fazer videodança através de indicadores de análises, apontando-se como ocorreram a interação e colaboração nos experimentos. Tais indicadores aplicados aos experimentos possibilitaram não só apreender a forma como os modos de fazer videodança interferem diretamente no resultado final dessa prática, mas também observar as diferenças entre dança e vídeo, seja nos recursos tecnológicos usados ou nas distintas

atuações em contextos espacial, temporal e sonoro.

A análise dos recursos tecnológicos como um indicador observado na construção dos experimentos elucidou a ligação entre o processo de criação e o aparato técnico em que o artista subverte a utilização comum das funções da máquina. Porém, destacou-se que ter domínio desta se torna imprescindível para potencializar tal processo.

O contexto sonoro como outro indicador de análise contribuiu com a explanação sobre a trilha sonora e a videodança, interligando o som com o movimento como outro elemento utilizável para dar propulsão à criação da videodança.

Os contextos espacial e temporal foram indicadores de análise responsáveis pela percepção de aplicações distintas na dança e no vídeo, resultando nas reflexões sobre as modificações da percepção visual do movimento ao se inverter a noção da tridimensionalidade do palco para a bidimensionalidade da tela.

Além de o expectador ter uma percepção diferente da dança no palco e em vídeo, o artista corporal na videodança depara-se com um deslocamento diferente no espaço da tela, onde seu corpo trabalha segundo a linguagem cinematográfica, isto é, conforme cortes, planos e enquadramentos; e não de acordo com o volume e a profundidade: atributos da dança cênica. O aspecto temporal é observado na videodança pela distinção da definição do ritmo. No palco, este é deliberado na autonomia e capacidade de

execução do intérprete; na tela, é determinado pela edição. O *continuum* temporal da cena presenciada altera-se no jogo com a velocidade das imagens.

Durante a realização da pesquisa aqui descrita, ganhou corpo e se manteve a hipótese de que as variantes na relação entre os profissionais da dança e das artes visuais na videodança interferem na configuração da produção videocoreográfica construída em colaboração. Essa afirmação se aclara com o exemplo da criação dos experimentos da pesquisa, nos quais as especificidades das relações estabelecidas suscitaram problematização de questões como autoria na videodança.

Por sua transdisciplinaridade, a autoria compartilhada se presentifica na relação entre os profissionais envolvidos; logo, surge outro posicionamento do coreógrafo e do diretor audiovisual perante a impossibilidade de situar, nessa prática artística, a noção de autor como *um indivíduo*³⁶. A atribuição de autoria nas produções de videodança instiga o questionamento sobre a noção de autoria não só ao propor parcerias de colaboração, participação e compartilhamento em projetos interdisciplinares cada vez mais

³⁶ Foucault (2002, p. 33) afirma que “[...] essa noção do autor constitui o momento crucial da individualização na história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas, e também na história da filosofia e das ciências”.

abertos e complexos; mas também ao apresentar um contexto avesso às classificações e autorias individuais no qual tem lugar a autoria múltipla e compartilhada.

A possibilidade de a relação entre o artista corporal e o artista visual influenciar a construção da videodança aguçou outras reflexões sobre conceitos da videodança, sobretudo aqueles ligados à sua legitimação e aos aspectos estéticos. Constatou-se que profissionais da dança e das artes visuais precisam adentrar as discussões próprias da videodança para dialogar com fluência; isto é, para que as especificidades da área de atuação de um complementem as do outro. Indaga-se sobre a necessidade de intercâmbio de conhecimento entre os profissionais envolvidos: o artista visual precisa entender de dança? E o artista corporal precisa entender de artes visuais? Perceber as especificidades destas e daquela mostrou-se importante tanto quanto o aprofundamento de aspectos elementares da videodança que não se restringem a uma única área das artes.

Não há uma indissociação da atuação dos profissionais envolvidos em criação realizada em colaboração. Separar o que seria somente desempenho de um e de outro no trabalho é inviável numa construção em que o diálogo é efetivo. Definir a contribuição de cada profissional se mostra inexequível. Não existe limite claro entre as funções exercidas. Cada artista não se forma somente de sua vivência profissional específica numa linguagem só; também

suas experiências subjetivas o atravessam durante seu percurso de atuação. Assim, na criação em videodança, a colaboração se mesclam com os conhecimentos adquiridos.

A ressignificação da dança cênica através dos recursos da linguagem do vídeo no qual o resultante seria a videodança — como no caso de “Em solo de (des)equilíbrios” — impulsionou a discussão sobre a relação entre câmera e corpo. Embora os movimentos de uma de outro sejam independentes, eles dialogam em aspectos diversos, daí ser imprescindível construir um vínculo entre estes para que a videodança não seja mero registro.

Levando-se em consideração esses aspectos, esta pesquisa contribui com a reflexão sobre videodança por reforçar que, devido à sua multiplicidade de configurações, essa prática artística não se limita a atuações hierarquizadas entre aqueles que fazem parte de sua criação, por ser uma produção plural e transdisciplinar.

Outro aspecto a se destacar seria o fato de que na elaboração desta dissertação notou-se uma escassez de produção teórica específica sobre a questão aqui abordada. Assim, na construção teórica, foi necessário requisitar fundamentações presentes nas áreas da dança e no audiovisual. Destaca-se a carência de investigações sobre a atuação de profissionais de outras áreas das artes na criação em videodança e a necessidade de construir uma bibliografia que discorra sobre a trilha sonora na

videodança, da criação até a relação entre os profissionais envolvidos.

Uma questão surgida na construção desta dissertação que se manteve inquietante foi: para que se faz videodança e para quem? Quais seriam as ações necessárias para uma disseminação efetiva dessa prática para além dos grandes centros urbanos? Uma possibilidade de adentrar a questão seria pelo entendimento de como a videodança se insere no meio acadêmico — dialogando com a graduação em Dança em sua grade curricular — e de como pode dialogar e contribuir para tantas videoperformances nas artes visuais. Parece evidente que há, na contemporaneidade, um conjunto de produções artísticas que se constroem colaborativamente entre profissionais diversos. Se tais criações são compartilhadas — logo, são indissolúveis —, cabe frisar que refletir sobre elas é, também, um exercício ético que reconhece autorias múltiplas.

Portanto, pretende-se dar continuidade à pesquisa aqui apresentada pela produção de outras videodanças, de modo a estabelecer intercâmbios de conhecimentos com pesquisadores e eventos ligados a essa prática e, assim, chegar a um domínio técnico e teórico mais apurado da temática. Noutros termos, como a videodança configura um cenário profícuo de produção artística que escapa aos padrões tradicionais de criação em artes visuais e em dança, é somente através da prática e reflexão que podemos descobrir os caminhos de criação nessa nova linguagem.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

ACOSTA, Antonieta Eloísa Kehrig. Dança e Cinema: algumas aproximações. **Gambiarra Revista dos Mestrandos do Programa de Pós Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes**. Ano IV. UFF. 2012.

ALONSO, Rodrigo. Videoarte e videodança em uma (in)certa América Latina. In: BRUM, Leonel; CALDAS, Paulo; BONITO, Eduardo; LEVY, Regina (Org.). **Dança em foco v. 2** — videodança. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2007, p. 44–51.

BELING, Jussara J. X. **O corpo como matéria de investigações** — entrevista com Tamara Cubas. **A Notícia**, 27 nov. 2004. Disponível em: <<http://www1.an.com.br/2004/nov/27/0ane.htm>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica” In Walter Benjamin. Obras Escolhidas **Magia e Técnica, Arte e Política**. Trad. de Sérgio Rounaet. 2ªed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996. pp. 165-196.

BENTES, Ivana. Vídeo e cinema: rupturas, reações e hibridismo. In: MACHADO, Arlindo (Org.). **Made in Brasil**. Três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Itaú Cultural, 2003, p. 113–32.

BONITO, Eduardo; CALDAS, Paulo; LEVY, Regina; BRUM, Leonel (Org.). **Dança em foco v. 4** — videodança. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2009.

BORGES, Niúra. **Imagem, corpo e lugar na constituição de uma poética em vídeo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) — Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BRUM, Leonel. **Videodança**: uma escrita cênica da dança. 2012. Tese (Doutorado em Artes Visuais) — Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BRUM, Leonel; CALDAS, Paulo; BONITO, Eduardo; LEVY, Regina (Org.). **Dança em foco v. 2** — videodança. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2007.

CALDAS, Paulo; BONITO, Eduardo; LEVY, Regina (Org.). **Dança em foco V. 3** — entre imagem e movimento. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Oi Futuro, 2008.

CALDAS, Paulo; BRUM, Leonel; BONITO, Eduardo; LEVY, Regina (Org.). **Ensaio contemporâneos de videodança**. São Paulo: Aeroplano, 2012.

CERBINO, Beatriz; MENDONÇA, Leandro. Considerações sobre as relações entre autoria, dança, cinema e videodança. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 2, 2011.

CUBAS, Tamara. O corpo no olho — danças para o corpo do vídeo. In: **CARTOGRAFIA: Rumos Itaú Cultural Dança**. Núcleo de Artes Cênicas (Org.). 2006/2007. São Paulo: Itaú Cultural, 2007, 240 p.

FAGÁ, Luiza. **Câmera que dança**: videodança, coreografia pensada para o vídeo. Continuum. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://videodancapesquisa.blogspot.com.br/2008/09/cmera-que-dana-videodana-coreografia.html>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

FEITOSA, Charles. 10. Traduções do Corpo na Dança e no Cinema. **O Percevejo Online 2.1**, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/viewFile/1367/1140>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa; coordenação de edição Marina Baird Ferreira. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Sarah. **VIDEODANÇA+**: possibilidade de pesquisa para dança através da internet. Florianópolis, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

GOLDBERG, RoseLee. **A arte da performance**: do futurismo ao presente. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUARATO, Rafael. **Dança de rua: corpos para além do movimento (Uberlândia 1970-2007)**. Uberlândia: EDUFU, 2008. 238 p.

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Tradução Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JUPIASSU, Hilton. O espírito interdisciplinar. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 4, n. 3, p. 01-09, 2006.

KATZ, Helena. Texto de apresentação curricular. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2978061229980647>>. Acesso em: out. 2013.

LACHINO, Ayde; BENHUMEA, Nayeli. **Videodanza**. De la escena a la pantalla. México: Dirección de Dança da UNAM, 2012.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas&pós cinemas**. 6ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2011.

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MELIM, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MICHELIN, Simone. Domínio Público: dentro-fora-entre. In: MEDEIROS, Maria Beatriz; MONTEIRO, Marianna (Org.). **Espaço e performance**. Brasília: ed. UnB, 2007, p. 171–80.

MUÑOZ, Brisa. Corpo e vídeo. **Virtual Escaner**, ano 8, n. 81, Santiago de Chile, março de 2006. Disponível em: <<http://www.escaner.cl/escaner81/ensayo.html>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

MUÑOZ, Brisa. Videodança a caminho. **Idança**. 21 jun. 2007. Disponível em: <<http://idanca.net/videodanca-a-caminho/>>. Acesso em: 20 maio 2012.

MOLON, Érica. **O flash mob como meio de comunicação**, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-1102-1.pdf>. Acesso 08 dez 2013.

MUSEU UNIVERSITÁRIO DE ARTE/MUnA. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.muna.ufu.br/>>. Acesso em: out. 2013.

NUNES, Ana Paula. **Cinema, dança, videodança (entre-linguagens)**. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

NUNES, Ana Paula. **O corpo na videodança**, 2009. Disponível em: <<http://idanca.net/o-corpo-na-videodanca/>>. Acesso: dez. 2013.

PARENTE, A. O hipertextual. **Famecos**, Porto Alegre, n. 10, p. 74–85, jun. 1999.

RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban**. São Paulo: Editora Annablume, 2003.

REY, Sandra. A dimensão crítica dos escritos de artistas na arte contemporânea. **Pós**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 8–15, maio 2008.

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes**. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/sandra-rey-por-uma-abordagem-metodologica-da-pesquisa-em-artes-visuais-pdf-d419285810>>. Acesso em: 4 maio 2013.

ROSENBERG, Douglas (Org.). Screendance: the State of the Art. **ADF**, Duke University, Durham, North Carolina, July 6–9, 2006, 117p. Disponível em:<<http://www.americandancefestival.org>>. Acesso em: 15 fev. 2009.

ROSINY, Claudia. Videodança. In: BRUM, Leonel; CALDAS, Paulo; BONITO, Eduardo; LEVY, Regina (Org.). **Dança em foco v. 2** — videodança. Rio de Janeiro: Oi Futuro, 2007.

RUSH, Michel. **Novas mídias na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANTANA, Ivani. Esqueçam as fronteiras! Videodança: ponto de convergência da dança na cultura digital. In: **DANÇA em Foco v. 1**: dança e tecnologia/curadores: Paulo Caldas e Leonel Brum; tradução: Carla Branco. Rio de Janeiro: Instituto Telemar, 2006. 0415-6. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

SCHULZE, Guilherme. Coreografando videodança: o CONTEMDANÇA 2 como laboratório de criação. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA – ANDA, Comitê Dança em Mediações Educacionais, 2., julho, 2012. **Anais...** Disponível em: <<http://www.portalanda.org.br/wp-content/uploads/3-2012-GUILHERME-BARBOSA1.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

SCHULZE, Guilherme. **Um olhar sobre videodança em dimensões**. In: CONGRESSO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 6., 2010, São Paulo. Disponível em: <<http://www.portalabrace.org/vicongresso/pesquisadanca/Guilherme%20Barbosa%20Schulze%20-%20Um%20olhar%20sobre%20videodan%e7a%20em%20dimens%5es.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, comunicação e cultura**: a dança contemporânea em cena. Campinas: Autores Associados, 2006.

SOUZA, Isabel C. **Especificidades da videodança**: o hibridismo, experiência tecnestésica e individualidade no trabalho de jovens criadores brasileiros. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

SPANGHERO, Maíra. **A dança dos encéfalos acesos**. Itaú Cultural, 2003.

TADEU, Panmela. **Plié fértil**. Release de divulgação da videodança para exibição na 32, exposição coletiva realizada no SESC de Uberlândia, MG, em maio de 2013. Acervo da autora.

VASCONCELLOS, Jaqueline R. **O lugar das tecnologias digitais em interseção com a dança na educação na América Latina**. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA – ANDA, Comitê Dança em Mediações Educacionais, 2., julho, 2012a. **Anais...** Disponível em: <<http://www.portalanda.org.br/anda/site/repositorio/anais/2012/1-2012-JAQUELINE-VASCONCELLOS.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2013

VASCONCELLOS, Jaqueline R. **Um olhar sobre o corpo que videodança!**, 2012b. Disponível em: <<http://acervomariposa.com.br/vidbr/2012/02/02/um-olhar-sobre-o-corpo-que-videodanca/2012>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

VERAS, Alexandre. *Kino-coreografias entre o vídeo e a dança* In: BRUM, Leonel; Caldas, Paulo; Bonito, Eduardo e Levy, Regina (orgs). **Dança em Foco V.2 – Videodança**. Rio de Janeiro: Oi Futuro. 2007. (pág. 09-17)

VILLAR, Fernando Pinheiro; DA COSTA, José. Operando nas fronteiras: três apontamentos sobre perspectivas metodológicas. In: CARREIRA, André et al. (Org.). **Metodologias de pesquisa em artes cênicas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006, p. 130–57.

WOSNIAK, Cristiane do Rocio. **Dança, cine-dança, vídeo-dança, ciberdança**: dança, tecnologia e comunicação. Curitiba: UTP, 2006.

Figuras

ACCONCI, Vito. **Theme Song**, 1973. Disponível em: <http://www.ubu.com/film/acconci_theme.html>. Acesso em: dez. 2013.

ASTAIRE, Fred. **Núpcias Reais**, 1951. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YiwT3tBTQ9Q>>. Acesso em: dez. 2013

BEUYS, Joseph. **Eu Amo a América e a América me Ama**, 1974. Disponível em: <<http://www.fotosimagenes.org/joseph-beuys>>. Acesso em: dez. 2013.

BERKELEY, Busby . **42nd Street** , 1933. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=iM_Xjw4m0ro>. Acesso em: dez. 2013

BREAKIN. **Capa do filme Breakin'** , 1984. Disponível em: <http://www.dvdca.com/main.php?g2_path=Scanned_DVD_Covers/MOVIE_DVD_COVERS/1322Breakin_.jpg.html>. Acesso em: dez.2013

CUNNINGHAM, Merce. **Beach birds for camera**, 1993. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=0IH_rrpj0CU>. Acesso em: dez. 2013.

DEREN, Maya. **A study in choreography for câmera**, 1945. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=eKA0s400ReY>> Acesso em: dez. 2013.

ESTATE, Ugo Mulas. **Ação de rasgar a tela com uma faca**, 1964. Disponível em:

<http://www.iiclosangeles.esteri.it/IIC_LosAngeles/webform/SchedaEvento.aspx?id=112> . Acesso em: dez. 2013.

FLASHDANCE. **Cartaz do filme Flashdance**, 1983. Disponível em: <<http://www.filmesiv.com/2012/10/flashdance-em-ritmo-de-embalo-dublado>> . Acesso em: dez. 2013.

GENN, Henry. **Palavra Palavras**, 1963. Disponível em: <<http://artforum.com/words/archive=201207>>. Acesso em: dez. 2013.

GLASIER, Frederick. **Retrato de Loïe Fuller**, 1902. Disponível em: <<http://www.shorpy.com/node/1641>>. Acesso em: dez. 2013.

GLOAGUEN, Herve. **VARIATIONS V**, 1965. Disponível em:

<http://www.bard.edu/institutes/fishercenter/press/pressphotos/Cage_VariationsV.html>. Acesso em: dez. 2013.

HOFFENREICH, Ludwig. **Enterro de Vênus**, 1963. Disponível em:

<http://www.multimedialab.be/doc/images/index.php?album=performance&image=1963_Otto_Muehl_Action_materielle_n_1_Ensevelissement_d_une_Venus_1963.jpg> Acesso em: dez. 2013.

JONAS, Joan. **Funil**, 1974. Disponível em: <<http://www.artperformance.org/article-20317337.html>> . Acesso em: dez. 2013.

JORNADA DE DANÇA. **Fotos**. Disponível em: <<http://www.jornadadedanca.com.br/p/fotos.html>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

KLEIN, Yves. **Antropometria**, 1961. Disponível em: <http://www.tumblr.com/tagged/anthropometry?language=pt_BR>. Acesso em: dez. 2013.

NAUMAN, Bruce. **Andando de forma exagerada sobre o perímetro de um quadrado**, 1967. Disponível em: <<http://vimeo.com/41938002>>. Acesso em: dez. 2013.

NAMUTH, Hans. **Action Painting**. 1950 Disponível em: <<http://landeira-educablog.blogspot.com.br/2010/09/educacao-do-olhar-na-pos-modernidade.html>>. Acesso em: dez. 2013.

NAMUTH, Hans. **Pintura de Jackson Pollock em seu estúdio**, 1950. Disponível em: <<http://slcvisualresources>>. Acesso em: dez. 2013.

PROSSER, Kathi; RICHARDSON, Caroline. **Horses never lie**, 2002. Disponível em: <<http://vimeo.com/51099302>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

SIGUR RÓS. N° 14. Música do álbum **Valtari**. Videoclipe dirigido por Christian Larson e coreografado por Sidi Larbi Cherkaoui. Disponível em: <<http://vimeo.com/53394874>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

SHIMAMOTO, Shozo. **Ação de perfurar a tela**, 1951. Disponível em: <<http://www.axel-vervoordt.com/en/inside/foundation/discover#!/hole>>. Acesso em: dez. 2013.

SPEER, Scott. **Step up 4**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=D3G36pM2NG0>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

SULIVAN, Melinda. **Tap**: single ladies. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zdyicxzcyl0>>. Acesso em: 8. dez. 2013.

LOCAL.PT. **O lago dos cisnes** — com a Companhia Russa de Balé Clássico. Disponível em: <<http://local.pt/portugal/centro/lago-dos-cisnes-a-obra-prima-do-ballet-classico-mundial-mealhada/>>. Acesso em: out. 2013.

LUMIÈRE, Irmãos. **The Serpentine Dance**, 1899. Disponível em: <<http://www.cpb.co.uk/blogs/2009/10/the-serpentine-dance-lumiere-brothers-1899>>. Acesso em: dez. 2013.

WASSER, Julian. **Quintal**, 1967. Disponível em: <http://www.re-title.com/exhibitions/archive_HauserWirthNewYork6374.asp>. Acesso em: dez. 2013.



APÊNDICES

Apêndice 1 - Glossário

Construo um glossário destacando artistas, fatos, pesquisas, eventos e conceitos ligados à videodança com o intuito de percorrer a trajetória de construção do meu entendimento sobre este campo da arte. Algumas informações são recorrentes de algumas discussões já elaboradas anteriormente, mas fazem-se presentes por sua importância no panorama geral da videodança. Traçar este caminho por fatos, pesquisas e artistas ligados à videodança mostra um pouco do contexto no qual esta pesquisa se construiu. Sem pretender abranger a totalidade, onde a temática se manifesta, este é somente um registro da dinâmica de estudo que me possibilitou adentrar na questão específica que me proponho a refletir, os modos de fazer videodança. Tais informações abaixo são organizadas de forma alfabética.

Annalívia Cordeiro

No Brasil, a pesquisadora, bailarina e coreógrafa Annalívia Cordeiro desenvolveu um software, Notanna, visando a notação a partir do sistema de Laban. (SIQUEIRA, 2006, p.66)

Analívia Cordeiro é artista considerada pioneira da videodança e computer dance no Brasil. A artista também teve influência de seu pai Waldemar Cordeiro, artista que investigava a computer arte, sendo também aluna de Merce Cunningham em Nova York. (FERREIRA, 2009, p.44)

Acervo Mariposa

O Acervo Mariposa é uma videoteca de dança pública localizada em São Paulo aberta a visitas agendadas. Possui um site que disponibiliza informações sobre vídeos de dança, artistas, estéticas, linguagens. A equipe do acervo organiza atividades educativas, digitaliza vídeos antigos, tem parceria com festivais e a

proposta de organizar a wiki.dança, uma enciclopédia de dança construída coletivamente através da rede. O acervo trabalha com o sistema “creative commons”, onde o artista que quiser doar o material para o Acervo Mariposa delimita os termos de licença para execução da obra. (FERREIRA, 2009, p.28)

Brisa MP

Pós-graduada pela Faculdade de Artes da Universidade de Barcelona e diretora da La Compañía Caída Libre. "O vídeo é uma dança da interdisciplinaridade tem sido mais desenvolvimento na última década, a criação de festivais em várias partes do mundo, o "vídeo-dança", também chamado de "dança para a câmera" é um trabalho gestado pelos criadores que vieram de diferentes disciplinas, artistas visuais, audiovisuais, coreógrafos e bailarinos." (MP, 2007)

Black Mountain College

Black Mountain College é uma faculdade experimental

no estado da Carolina do Norte (EUA). Fundada nos anos 1930, desenvolve projetos e cursos alternativos, sobretudo na área de artes, como “[...] um refúgio educacional interdisciplinar” (GOLBERG, 2006, p. 111).

Dança em Foco

A primeira edição de dança em foco foi realizada em 2003, marcando o seu pioneirismo como evento brasileiro dedicado exclusivamente à interface vídeo/dança. Em 2004, o evento reuniu-se pela primeira vez ao Festival Internacional de Videodanza del Uruguay e ao Festival Internacional de Video-Danza de Buenos Aires, lançando o CVM – Circuito Videodança Mercosul, incluindo o Brasil numa rede de exibição de títulos latino-americanos, europeus, norte-americanos e canadenses. Na terceira edição, em 2005, consolidou o evento como um veículo de exibição internacional, onde se destacaram produções francesas e latino-americanas de videodança e cine-dança. Em sua quarta edição, em 2006, o festival

lançou a primeira publicação brasileira, em 3 línguas (português, espanhol e inglês), sobre o tema videodança: “dança em foco - Dança e Tecnologia”. Além do Rio de Janeiro, numa extensão dessa edição, o evento apresentou em São Paulo uma versão especial. Em 2007, a programação da quinta edição do festival incluiu uma convocatória de vídeos para a realização da MIV, e a publicação do livro trilingue “dança em foco - Videodança”, segundo volume da série dança em foco. Lançou um edital de produção para obras concebidas especificamente para o telefone celular (duração de 1 minuto), usado aqui como uma verdadeira plataforma de difusão da videodança. Nesse mesmo ano, paralelamente às atividades do evento, o dança em foco acolheu também o II Encontro do Fórum Latino-Americano de Videodança, que contou, além dos convidados nacionais, com a participação de diretores de festivais da Argentina, Chile, México, Paraguai e Uruguai.

A sexta edição foi realizada no Rio de Janeiro em 2008. Foi publicado o livro “dança em foco – Entre Imagem e Movimento”. Em 2009, foi realizado no Rio de Janeiro com as atividades da MIV – Mostra Internacional de Videodança mais o lançamento do livro “dança em foco – A Dança na Tela” que trata desse trânsito afetivo entre as poéticas do corpo em movimento e da imagem em movimento. Em 2010 foram realizados os módulos do dança em foco, com palestra, mesa redonda, oficina e MIV nas cidades de Belém, Goiânia, Porto Alegre e Teresina. No ano de 2011, o dança em foco realizou uma “edição carioca”, convidando para realizar oficinas, além da MIV. Em sua edição paulista, o dança em foco ocupou o 4º subsolo do SESC Pinheiros com

videoinstalações. A itinerância este ano, foi realizada em Goiânia, Porto Alegre e estendida a Belo Horizonte e Campo Grande, oferecendo a MIV, oficina e diálogos com artistas locais, também apresentou uma performance multimídia ao vivo. Disponível em: <http://www.dancaemfoco.com.br/danca_old/historico/> Acesso em: 04/05/2013

Dance Films Association, Inc. (DFA) / American Dance Festival (ADF)

Duas instituições estadunidenses de dança moderna foram fundamentais como aporte de conhecimento para os curiosos da videodança. A primeira foi Dance Films Association, Inc. (DFA), fundada em 1956 por Susan Braun, após esta procurar inutilmente filmes com Isadora Duncan. A instituição começou com o objetivo de preservar a memória da dança, até que em 1971 investiu também na exibição, estimulando a produção com DFA's annual Dance On Camera Festival, como já citamos. A DFA realiza mais uma série de atividades, incentivando a pesquisa, a produção e a distribuição de videodança. A segunda instituição é a American Dance Festival (ADF), que desde 1934 procura atuar em todas as instâncias do campo da dança.

O primeiro festival competitivo foi o Dance on Camera, nos EUA, em 1971. A nova expressão ganhou força nas décadas de 80 e 90 na Grã-Bretanha, na Bélgica, na Alemanha e na França, à medida que passou a ser financiada pelas televisões públicas, para preencher a programação sobre dança. Em 1973, realizou o workshop Dance for Television, reunindo coreógrafos e diretores para trabalharem juntos em projetos para

televisão. A partir dos anos noventa, com a direção de Douglas Rosenberg, produziu outros workshops até que lançou o Dance for Camera em 1996. A primeira conferência Screendance: the State of the Art, em 2006, realizada pela ADF, teve como objetivo exatamente pensar nas implicações do consumo do campo da videodança. (NUNES, 2009)

Denominação “Videodança”

Nos Estados Unidos da América e na Europa, a denominação de certos produtos artísticos como “videodança” surge após os anos de 1970. Já no Brasil, surge após os anos de 1990. (NUNES, 2009)

"Acreditava-se que o termo videodança tivesse sido utilizado pela primeira vez, em 1987, no artigo da pesquisadora Vera Maletic, Videodance-Technology-Attitude Shift, publicado no Dance Research Journal (MALETIC apud OLIVEIRA, 2009, p.15) ou em um catálogo de vídeo do Centro Georges Pompidou, em Paris, quando a curadora francesa Michele Barges precisou identificar, em 1988, uma certa programação que não cabia na categoria “vídeos de dança”. Porém, foi encontrado recentemente um texto norte-americano intitulado Videodance, de Jeffrey Bush e Peter Z. Grossman, escrito em 1975, fato que remonta a criação do termo ao período das primeiras aproximações entre estas duas artes. Para compor o léxico da linguagem, Ana Carolina Moura de Oliveira propõe a criação do verbo “videodançar”. Seu intuito é nomear ações específicas do fazer videodança (OLIVEIRA, 2009, p.31)." (BRUM, 2012, p. 69-70)

Festival Dance Screen

Assim como a videodança Birds (David Hinton, 2000), que causou a maior polêmica entre os agentes do campo da videodança, visto que ganhou prêmio de melhor videodança no Festival Dance Screen 2000, nos EUA, sem ter nenhum bailarino, apenas pássaros. (NUNES, 2009)

Festival Internacional de Video-danza de Buenos Aires

Segundo o I Festival Internacional de Video-danza de Buenos Aires, em 1995, foram consideradas videodanças: 1) documentários e registros de espetáculos; 2) coreografias feitas especialmente para a câmera; 3) a dança multimídia. Em um dos workshops organizados por Rosenberg estava Silvina Sziperling, que depois de se tornar assistente de Rosenberg, voltou para a Argentina e organizou em 1995 o Festival Internacional de Video-danza de Buenos Aires (também primeiro da América Latina), atualmente Festival VideoDanzaBA, e desde então direciona seu trabalho para a difusão da videodança abaixo do equador, buscando a troca com os vizinhos geográficos e a união de forças para o desenvolvimento de uma produção de qualidade, adequada às características e limitações econômicas locais. (NUNES, 2009)

Fórum de Dança e Vídeo, na UFRJ

Em 2008, realizou-se o I Fórum de Dança e Vídeo, vinculado ao Grupo de Pesquisa PECDAN, da UFRJ, que constitui a Comissão Organizadora. Um evento pioneiro com o objetivo de promover diálogos entre Universidade, Ensino Público Fundamental e comunidades diversas do município do Rio de Janeiro,

acerca da produção coreográfica para cinema e vídeo. Sua segunda edição aconteceu no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro em novembro de 2010. Disponível em:

<http://www.olharvirtual.ufrj.br/2010/?id_edicao=226&codigo=12>. Acesso em: 04/05/2013

Fluxus

O Fluxus foi um movimento internacional de artistas, escritores, músicos e cineastas contrários à noção de arte como propriedade exclusiva de museus e colecionadores. Surgiu no decênio de 60 e introduziu várias inovações em performance, filme e vídeo, incorporando a nova música, a dança, o happening, a poesia e outras possibilidades artísticas em atividades, festivais, concertos e eventos, assim por eles denominados.

Imagem fotoquímica

Considerada aquela que surge a partir de reações químicas provocadas pela incidência de luz, como no processo de revelação de uma fotografia analógica ou na película cinematográfica.

Ivani Santana

"Ivani Santana (2003) discute a videodança sob o prisma das fronteiras entre linguagens. A idéia de fronteira, mesmo que "borrada", não é, segundo a autora, a mais apropriada à discussão da videodança. A fronteira traz consigo o entendimento dual, de territórios distintos, que interagem, mas mantém a sua configuração original; territórios que não se incorporam. Santana (2003) defende a videodança

como um ponto de convergência, de onde, a partir de mediações entre linguagens, emerge uma nova. Esta emergência evidencia uma compreensão da videodança que se aproxima mais do conceito de híbrido proposto por Bastos, do que de expressões do senso comum utilizadas para definir a videodança, como "dança para a câmera". (SOUZA, 2009)

Judson Dance Group

O nascimento do Judson Dance Group é marcado pela apresentação de um recital apresentado na Judson Memorial Church, de Nova Iorque, isto é, no porão de uma igreja protestante de Greenwich Village. Na década de 1960, o grupo era composto inicialmente pelos componentes do Dancers Workshop, desenvolvendo atividades efervescentes nas quais a colaboração de artistas multidisciplinares com bailarinos e coreógrafos visavam romper a fronteira da dança, agregando expressões artísticas variadas aos experimentos produzidos (GLUSBERG, 2007, p. 37).

Loie Fuller

Conhecida como Fada da Eletricidade, Loie Fuller (1862-1928) deixou-nos uma lista de invenções. Foi uma pioneira na arte tecnológica e na transdisciplinaridade, por empregar conhecimentos científicos como óptica, química e eletricidade em suas pesquisas artísticas. Sua obra mostra uma sintonia fina com o nascimento da sétima arte, da qual era contemporânea. (SPANGHERO, 2003, p.31)

MAPA D2

"O MAPA E PROGRAMA DE ARTES EM DANÇA (E